

INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA: ESTUDO DE CASO DE DISCENTES DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS DA UFERSA/CARAÚBAS

FAMILY INFLUENCES ON THE CONSTRUCTION OF DEAF IDENTITY: A CASE STUDY ABOUT STUDENTS FROM THE LETRAS-LIBRAS COURSE AT UFERSA/CARAÚBAS

Stefani Eduarda Alves de Lima Souza¹
Mifra Angélica Chaves da Costa²

RESUMO

Sabendo que o ambiente familiar é primordial para o desenvolvimento dos sujeitos, este estudo destaca as intervenções da família na construção da identidade surda. Nesta perspectiva, entende-se que a identidade do indivíduo surdo sofre influências de diversos fatores, tais como: o contexto familiar, o contato com as comunidades surdas, a participação em movimentos e associações de surdos. Com base nesses argumentos, emerge-se o seguinte questionamento: considerando que a família influencia na construção da identidade do surdo, quais os impactos que reverberam na formação desse sujeito? No intuito de responder esta indagação, objetiva-se analisar quais consequências refletem na construção do surdo, bem como investigar a relação e as práticas comunicativas desse sujeito no ambiente familiar inclusivo e a sua relação em uma família de cunho ouvintista, sendo possível perceber a distinção de identidades entre os sujeitos. Para a análise dessa relação de dialeticidade entre Formação de identidade surda e contexto familiar, o estudo baseou-se nas ideias dos teóricos: Vygotsky (2007); Freire (2014); Perlin (2016) e Carvalho e Campello (2022). A metodologia desta pesquisa foi de cunho qualitativa, que por meio do estudo de caso, analisaremos discursos de duas surdas, estudantes do curso de Letras-Libras, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas-RN. A partir da análise realizada, foi possível perceber que a família reverbera impactos positivos e negativos, pois é um pilar imprescindível para a inserção do surdo, enquanto ser social e crítico, motivando-os a lutar pelos seus direitos e promovendo sua inclusão na sociedade.

Palavras-chave: identidade surda; família; surdo.

ABSTRACT

Knowing that the family environment is essential for subjects' development, this study highlights family influences in the construction of deaf identity. From this perspective, it is known that the identity of a deaf individual is influenced by several factors, such as: family context, contact with deaf communities, participation in deaf movements and associations. Based on these arguments, the following question emerges: considering that the family influences the construction of the deaf person's identity, what are the impacts on the formation of this subject? In order to answer this question, the objective is to analyze what consequences reflect on the construction of deaf people, as well as to investigate the relationship and communicative practices of this subject in the inclusive family environment and their relationship in a family of hearing people, making it possible to perceive the distinction of

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: eduardastefani892@gmail.com;

² Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mestra em educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – RN. E-mail: mifra@ufersa.edu.br;

identities among subjects. To analyze this dialectic relationship between deaf identity formation and family context, the study was based on the ideas of the following researchers: Vygotsky (2007); Freire (2014); Perlin (2016) and Carvalho and Campello (2022). The methodology of this research is qualitative, which, through a case study, we analyzed the speeches of two deaf women, students of the Letras-Libras course, at the Federal Rural University of the Semi-Arid Region (UFERSA) in Caraúbas-RN. After we carried out the analysis, it was possible to realize that the family transmits positive and negative impacts, as it is an essential pillar for the inclusion of deaf people as social and critical human beings, motivating them to fight for their rights and promoting their inclusion in society.

Key-words: Deaf identity; family; deaf.

1 INTRODUÇÃO

Durante anos, a surdez era percebida como algo patológico, doentio. As línguas de sinais eram consideradas mímicas ou gestos, fortemente marcadas com preconceitos em relação ao seu uso comunicacional. Sendo assim, é incontestável que as pessoas surdas foram alvo de estigmatização e preconceito ao longo da história, sem valorização tanto no ambiente familiar quanto na esfera social. Tais fatos dificultaram o desenvolvimento e formação da identidade desses sujeitos. É de conhecimento geral que o processo de aquisição da Libras e o contato com surdos contribuem na construção da identidade surda, consequentemente, percorre uma série de fatores que afetam a formação pessoal, acadêmica, profissional e social dos sujeitos.

A cultura surda é considerada diferente da ouvinte, visto que o surdo tende a ser visual, enquanto os ouvintes se comunicam de forma oral. Assim como acontece com os ouvintes, na comunidade surda a identidade é a bagagem peculiar de cada um, ou seja, é considerada heterogênea e diversificada em decorrência das influências sofridas pelos sujeitos ao longo da vida. Tendo em vista os fatos ocorridos acerca da formação de identidade surda e os aspectos que as moldam, se faz necessário destacar a família como sendo imprescindível para o desenvolvimento e a formação identitária dos surdos, pois é ela o berço da aceitação e inclusão desses sujeitos. Desde o primeiro momento em que a criança surda é diagnosticada, a família desempenha o papel de fornecer um ambiente propício à aceitação da surdez e a sua cultura, bem como o acesso à língua de sinais.

O presente estudo destaca as influências da família na construção da identidade do sujeito surdo. Neste pensar, entende-se que a formação da identidade do indivíduo surdo sofre influência de diversos fatores, tais como: o contexto familiar, o contato com as comunidades surdas, o uso da Libras, a participação de movimentos e associações de surdos, dentre outros.

Com base nesses argumentos, emerge-se o seguinte questionamento: considerando que a família influencia na construção da identidade do surdo, quais os impactos que reverberam na formação desse sujeito? No intuito de responder a esta indagação, objetiva-se analisar quais impactos que refletem na construção do indivíduo surdo, bem como investigar a relação e as práticas comunicativas do surdo no ambiente familiar inclusivo e a relação do surdo em uma realidade familiar de cunho ouvintista, sendo possível perceber a distinção de identidades existentes entre os sujeitos.

Para embasar a presente pesquisa, partimos do ponto de vista dos autores Perlin (2016); Knobel (1992); Quadros (2000); Strobel (2008); Skliar (1998) e Carvalho e Campello (2022), autores renomados na área da surdez, tratando da importância do envolvimento familiar, das identidades surdas e da história cultural do povo surdo. Esta pesquisa é qualitativa, se tratando de um estudo de caso realizado na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), localizada no município de Caraúbas, Rio Grande do Norte, com foco em duas discentes surdas, estudantes do curso de Letras-Libras, do campus Caraúbas, ambas residentes em Mossoró. O

instrumento de pesquisa para a coleta de dados consiste em entrevistas gravadas, respondidas em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), presencialmente.

Este estudo irá discorrer em um primeiro momento sobre a história dos surdos, fazendo um passeio pelos principais marcos culturais desse povo no decorrer do tempo, posteriormente, será exposta a temática referente à identidade surda, além disso será discutido também acerca da família, fazendo relação com a formação identitária dos sujeitos, por fim, será discorrido acerca dos resultados e discussões dessa pesquisa, com base nas entrevistas que foram realizadas ao longo deste estudo. Esta pesquisa pretende compreender como as experiências familiares, atitudes e as práticas parentais moldam a construção da identidade surda. Espera-se que esse estudo forneça compreensão sobre os fatores que moldam a identidade dos sujeitos, além de identificar as distintas relações familiares entre elas, explicando que o apoio familiar é imprescindível para o desenvolvimento do filho surdo, podendo promover a inclusão, fortalecendo sua identidade e motivando os sujeitos a lutarem por seus direitos enquanto ser social, histórico, cultural e político. Cabe ressaltar que as identidades surdas não são estáticas e imutáveis, elas estão em constante mudança, pois os sujeitos surdos não são seres acabados, eles se modificam de acordo com os ambientes de socialização e suas vivências.

2.1 Um passeio pela história da educação dos surdos

Para refletirmos acerca das formações de identidades pelas quais os surdos passam, é fundamental conhecer brevemente a história cultural dos surdos, que é rica e diversa, pois abrange as lutas pelo reconhecimento linguístico e cultural, bem como os percalços e avanços significativos da comunidade surda ao longo do tempo. Fazendo um resgate pela historicidade surda, nos deparamos com situações desumanas que colocam esse grupo de pessoas à margem da sociedade, devido a sua diferença linguística em relação à maioria ouvinte. Ainda que, por muitos anos, tenha sido proibida as línguas de sinais nas escolas, ela sobreviveu graças à resistência contra a prática ouvintista e as lutas desses sujeitos pelos seus direitos linguísticos e sociais. Em decorrência disso, a Libras vem assumindo um lugar cada vez mais relevante, não só nas pesquisas, mas também nos grupos surdos e ouvintes, dentro das comunidades surdas.

Existem diferentes olhares acerca da história cultural dos surdos, durante muito tempo, os surdos eram vistos como “doentes” ou “coitadinhos”, apesar de algumas evoluções alcançados pela comunidade surda, esse pensamento ainda perdura até hoje pelos ouvintes, que enxergam esses sujeitos como se fossem incapazes de se desenvolver. Em contraposição a essa ideia, se faz necessário destacar a ideia de Perlin e Strobel (2014):

Assim como ocorre com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização [...]. (Perlin e Strobel, 2014, p. 25)

Sendo assim, é indiscutível que os sujeitos surdos são capazes de se desenvolver, desde que pertença a um ambiente acessível e que ele seja compreendido linguisticamente, pois os povos surdos têm uma língua própria e uma cultura peculiar, sendo assim, é preciso enxergá-los como alguém diferente. Nessa perspectiva, os inseridos na cultura surda tem lutado diariamente para desmistificar algumas ideias sociais atreladas ao povo surdo, graças a tantas lutas e movimentos em prol desse grupo, a história da educação dos surdos prospera continuamente, sendo marcadas por algumas conquistas, como o reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira (Libras), como meio de comunicação das pessoas surdas, por meio da Lei nº 10.436/2002, mais conhecida como lei de Libras. Sancionada em 2002 e regulamentada pelo decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, um dos destaques da lei é a inclusão da Libras

nos sistemas de educação públicos e privados, em suas esferas estaduais, municipais e federais, em toda a educação básica e no nível superior. Pelo Decreto nº 5.626/2005, o ensino de Libras tornou-se obrigatório nos cursos de formação de professores e fonoaudiologia (Santos, 2006). Se tratando do reconhecimento da Libras como canal de comunicação, proporciona à maioria dos surdos a oportunidade de conhecimento de si mesmo e do mundo, tendo em vista que, é por meio dela, que os sujeitos usuários dessa língua, manifestam seu pensamento cognitivo e expressam suas emoções.

A identidade surda se relaciona intimamente com a história cultural desse povo, visto que se refere a trajetória percorrida pelos surdos ao longo do tempo, destacando as experiências compartilhadas, a língua de sinais e as formas de comunicação, assim como lutas por reconhecimento. Sendo assim, é possível afirmar que a formação identitária dos surdos perpassa por tais fatores socioculturais e linguísticos. Portanto, conhecer a história dos surdos permite-nos compreender os processos de formação e transformações identitárias, atravessadas por esses sujeitos ao longo do tempo.

2.2 As múltiplas identidades surdas

Ao discorrer sobre identidade surda, é necessário afastar-se do conceito de pessoa danificada, e pensar em uma representação cultural diferente. Para conceituar identidade, o autor Silva (1998, p.58) afirma que “a identidade cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos[...]”. As identidades surdas são indissociáveis no que se refere à cultura e comunidade surda, visto que estão intrinsecamente relacionadas às experiências, características e a forma como os surdos se integram. Sendo assim, Perlin (2016, p.52) afirma que “a identidade é algo em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou está em movimento[...]”, ou seja, não há como rotular os sujeitos surdos como seres prontos ou imutáveis.

Ao pesquisar identidades surdas, as autoras (2016) e Carvalho e Campelo (2022) são imprescindíveis para a construção desta pesquisa, explicando que as identidades dos sujeitos surdos são mutáveis e se moldam a partir do espaço cultural, social e familiar em que o sujeito está inserido.

De acordo com a autora Gladis Perlin (2016) as identidades do sujeito surdo apresentam facetas, sendo assim, destaca sete tipos de identidade, a primeira definida pela autora é a **Identidade surda**, que segundo Perlin, “estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita” (2016, p.63). Entende-se que são surdos que militam por seus direitos e se comprometem com a comunidade surda. O segundo tipo é a **Identidade surda híbrida**, trata-se de surdos que nascem ouvintes e tornam-se surdos ao longo do tempo. Segundo Perlin (2016, p.64), “Nascer ouvinte e posteriormente ser surdo é ter sempre presente duas línguas, mas sua identidade vai sempre ao encontro das identidades surdas”. O terceiro tipo citado pela autora é a **identidade surda de transição**, que são marcadas por surdos que foram mantidos escondidos e reprimidos, chamamos de transição o momento em que saem um pouco dessa experiência e vivenciam uma experiência mais visual, pode-se dizer que grande maioria desses surdos passam por esse momento, tendo em vista que são filhos de pais ouvintes. Quando esses surdos vivenciam contato com a comunidade surda, a situação muda, segundo a autora, eles passam pela “desouvintização”, passando a aprender língua de sinais e “[...] passam pela ‘desouvintização’ da representação da identidade” (Perlin, 2016, p.64). A **Identidade surda incompleta**: é o nome que a autora dá à identidade representada por surdos que vivem sob uma concepção ouvintista e negam sua identidade surda e sua língua. Há casos de alguns surdos nos quais as identidades foram encobertas, e nunca tiveram a oportunidade de se envolver com outros surdos, conseguindo adentrar-se no mundo ouvinte e há casos de surdos mantidos em cativeiros pela própria família.

Podemos citar ainda a **identidade surda flutuante**, a autora explica que “elas estão presentes onde os surdos vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes” (Perlin, 2016, p.65). Ou seja, é composta por surdos que são conscientes da surdez, porém são vítimas da ideologia ouvintista, que geralmente é predominante pela família e pela sociedade, que na maioria das vezes enxergam a surdez com um olhar patológico, ignorando o fato da surdez como uma diferença, negando a cultura surda e a língua de sinais. Temos ainda a **identidade surda diáspora**, marcada por sujeitos surdos que se mudam de uma cidade para outra, levando consigo suas influências culturais e suas peculiaridades, sendo identificado como surdo daquela determinada cidade ou da comunidade surda anterior, devido sua bagagem cultural. O sétimo tipo é a **Identidade surda intermediária**, formada por surdos que são oralizados e não tem uma experiência de comunicação totalmente visual, apresentando alguma perda auditiva, fazendo uso de aparelho auditivo, utilizando tanto a oralização quanto a Libras, podendo pertencer a comunidade ouvinte ou a surda, esse fato pode ser um impasse na definição da sua identidade. Observando as identidades apresentadas na perspectiva de Gladis Perlin (2016), fica claro que a autora é de grande relevância para a base desse estudo, visto que explica as diferentes identidades surdas, levando em consideração as influências sofridas pelo meio em que o sujeito está inserido, sendo constituídas por aspectos culturais sociais e principalmente familiar, visto que é o principal ambiente de vivência dos sujeitos surdos desde o seu nascimento até às demais fases da vida.

Tendo em vista que as identidades não são estáticas ou imutáveis, além da discussão de Perlin (2016), Carvalho e Campello (2022) ³dão continuidade ao estudo, destacando em suas pesquisas mais recentes, outros sete possíveis tipos de identidades. Cabe destacar que as identidades frisadas pela autora, estão relacionadas a características dos povos surdos, que se relacionam diretamente com aspectos linguísticos e comportamental dos sujeitos. As identidades estudadas por Carvalho e Campello são:

Identidade Surda com AASI: Formada por surdos que fazem uso de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), os sujeitos inseridos nesse grupo acreditam que a inserção de aparelhos auditivos irá interferir positivamente nas relações familiares, fazendo com que se comuniquem com sua família, possibilitando que a pessoa surda passe a ouvir. Há também a **Identidade Surda com IC**, formada por surdos que fazem uso do implante coclear, que é um equipamento eletrônico que substitui o ouvido de pessoas com surdez. A autora Carvalho e Campello (2022) explica que o implante estimula o nervo auditivo através de pequenos eletrodos e o nervo manda estes sinais para o cérebro, mas esta audição não funciona como a audição normal. O terceiro tipo destacado pela autora é a **Identidade Étnica dos Surdos**, que está ligado a forma em que o surdo se difere, visto que não dá para rotular esses sujeitos como se fossem todos iguais, sendo que alguns nasceram surdos por problemas na gestação, outros por causas genéticas.

É destacado também a **Identidade Surda Urubu-Ka'apor e outras línguas de sinais emergentes**, que se refere a surdos que participam de uma etnia indígena chamada de Urubu-Ka'apor, que em um momento da sua história foram atingidos por uma bolba neonatal, que é uma doença infecciosa que chegou a desencadear quadros de surdez. Outro tipo de identidade citada é a **Identidade Negra Surda**, neste grupo, cabe uma discussão sobre ser negro e ser surdo, em sua pesquisa, a autora destaca a importância do trabalho voltados a esse público, a fim de que os estudantes negros tenham acesso ao conhecimento que contribuam para sua construção de identidade. O penúltimo tipo destacado é a **Identidade Surda Unilateral**, esse termo é usado para indicar que a pessoa ouve apenas por um ouvido. Segundo a autora, a perda auditiva unilateral pode acarretar dificuldades na aprendizagem. Por fim, destaca-se a

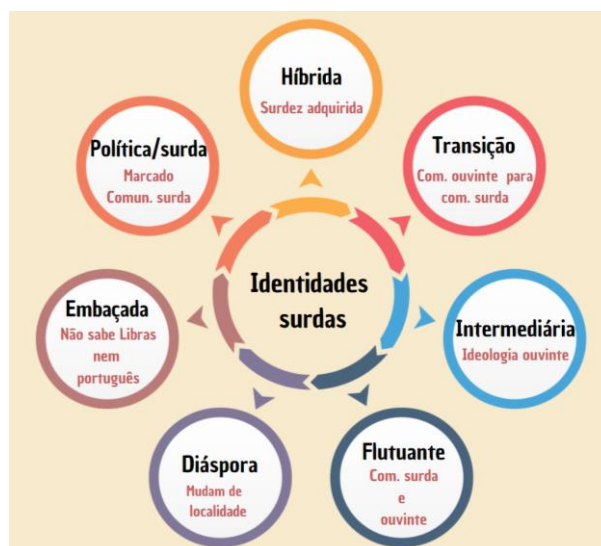
³ As identidades surdas destacadas por Carvalho e Campello (2022), estão atreladas as características dos indivíduos, tais características se relacionam fortemente com aspectos linguísticos dos sujeitos surdos.

Identidade surdacega, composta por sujeitos que possuem duas deficiências, a surdez e a cegueira, o indivíduo que se encontra nesse grupo, enfrenta desafios múltiplos para se inserir no ambiente familiar e na sociedade, sendo assim, é importante que haja um atendimento especializado, estimulando os demais sentidos.

A partir da diversidade identitária estudada até aqui, baseado nas autoras Perlin (2016) e Carvalho e Campello (2022), é possível concluir que o processo de construção e reconstrução dos sujeitos surdos é algo modificável e heterogêneo, à vista disso, Ruski (2018) explica que é muita gente para colocar em uma mesma caixa, como se fossem iguais. Dessa forma, é importante enfatizar que mesmo com o diagnóstico de surdez, os povos surdos são diversos, múltiplos, por isso, se faz importante estudar sua pluralidade e fatores que as modificam.

Para melhor assimilação das definições de identidade abordadas pelas autoras, segue a esquematização em formato visual:

Figura 1: Sete tipos de identidades surdas defendidas por Gladis Perlin (2016)



Fonte: Elaborada pela própria autora deste artigo.

Figura 2: Sete tipos de identidades surdas definidas por Carvalho e Campello (2022)



Fonte: Elaborada pela própria autora deste artigo.

À vista disso, cabe destacar a lei da nova modalidade de educação bilíngue de surdos, nº 14.191/21 da Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), pois reconhece que os surdos são povos diversos. Na lei de nº 14.191/21, o seu artigo 60-A esclarece:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (Brasil, 2021)

É de suma importância a citada lei, pois reconhece os povos surdos como sujeitos plurais, propondo uma educação bilíngue, considerando a língua de sinais como primeira língua e o português como segunda, a fim de garantir o acesso às informações e o desenvolvimento dos sujeitos surdos de diferentes grupos.

2.3 Família como pilar formador da identidade surda

Ao tratarmos de formação de identidade surda, se faz necessário relacionar esse fator com a esfera familiar, visto que é o âmbito em que ocorre os primeiros contatos de um sujeito, sendo assim, é da família que surgem as primeiras estratégias de comunicação, muitas das vezes, são criados entre filhos surdos e parentes ouvintes os gestos caseiros. Tendo em vista que a família assume grande relevância na construção dos sujeitos, há também outros ambientes que contribuem para a formação dos sujeitos, assim como a escola, as associações e seus grupos de inserção. Assim, a cultura surda é constituída pelos comportamentos compartilhados cotidianamente, na experiência trocada com os seus semelhantes, seja na família, nas associações de surdos, no ambiente escolar e/ou encontros informais, essas relações lapidam a identidade desses sujeitos. Sendo assim, é significativa a inserção desses sujeitos na cultura surda, que segundo Hall (2004), é a representação que atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior. A pesquisadora surda cita:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos-valia social. (Hall, 2004, p. 77-78)

No contexto da comunidade surda, os sujeitos inseridos se diferem a partir da sua vivência ao longo da vida, que é significativa para seu empoderamento, incentivando-os na luta política e social, defendendo-se das exclusões sociais. É por esse motivo que a família é primordial para a constituição identitária do sujeito surdo, visto que os costumes e as crenças adotadas pelos seus pares, na sua vivência cotidiana, que moldam e formam suas identidades, por isso é importante que os surdos se insiram na cultura surda, a pesquisadora Strobel (2008), em seu livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”, reafirma essa ideia quando cita que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2008, p. 22).

Entende-se, então, que o meio de inserção dos sujeitos surdos é o principal formador de sua identidade, abrangendo sua língua, crenças e hábitos, que irão influenciar na sua formação enquanto sujeito social. Sendo assim, é de grande relevância que a família adentre na cultura surda, fazendo uso da Libras, adquirindo costumes e crenças dessa comunidade, sendo a maior incentivadora do seu filho, promovendo seu desenvolvimento linguístico e social.

A ausência da família na formação da identidade do sujeito surdo gera impactos significativos no desenvolvimento desses indivíduos. Sendo assim, a falta de comunicação e interação com a família, pode acarretar desafios emocionais e sociais na vida das pessoas surdas inseridas nesse contexto. Além disso, a ausência da Libras, que é fundamental para uma comunicação eficaz, provoca atraso no processo de aquisição linguística e dificuldades de expressar ideias, sentimentos, acesso às informações e conhecimento. Na maioria das vezes, dentro do contexto familiar, a compreensão é muito limitada, podendo resultar no isolamento social do sujeito surdo, fazendo com que se sintam desvalorizados ou incompreendidos, tais fatos podem impactar sua autoimagem, sentimentos e relações interpessoais.

Estudos estatísticos demonstram que cerca de 0,1% das crianças nascem com perda auditiva severa ou profunda, e 95% dessas crianças são filhas de pais ouvintes (Almeida, 2009). Segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) existem 10 milhões de surdos no Brasil, à vista disso, o diagnóstico deixa a maioria das famílias frustradas, pois a surdez não é pensada pelos pais como uma diferença, mas como um aspecto patológico, esse fator acarreta consequências significativas, sendo elas, a negação da identidade e cultura surda, deixando de lado também a forma visual de comunicação do surdo. Sendo assim, é importante destacar o pensamento de Knobel (1992), que ao refletir sobre a família, observa que a mesma, ao interagir com os filhos, ajudará a formar a personalidade, determinando aí suas características sociais. Segundo o autor, as atitudes e comportamentos dos pais e demais membros familiares, expressos por suas interações, têm um impacto decisivo no desenvolvimento psicossocial de um filho. A pesquisadora também afirma que muitos dos comportamentos e reações individuais revelam o tipo de configuração familiar na qual o sujeito está inserido. Sendo assim, a maneira como a família lida com a surdez, pode causar um impacto significativo no desenvolvimento da criança surda.

É também primordial que as famílias das crianças surdas interajam com outros pais e com o movimento surdo, para que internalizem um pouco da cultura do seu filho. A comunidade surda é primordial para o desenvolvimento e inclusão do indivíduo. Para firmar essa fala, o autor Vygotsky apud Letícia (2007, p.7) defende que “o aprendizado do indivíduo não pode ser dissociado do contexto histórico, social e cultural em que está inserido. Para aprender, elaborar conhecimentos e para se autoconstruir, o ser humano precisa interagir com outros membros de sua espécie, com o meio e com a cultura.” À vista disso, a família desempenha um papel ativo na promoção da inclusão do sujeito surdo, incentivando-o a lutar por seus direitos como ser consciente deles. Pode-se inferir que a partir da postura de acolhimento adotada pela família, o sujeito se sente motivado a lutar pela valorização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), possibilitando a plena comunicação do surdo com os demais indivíduos, além disso, ao reconhecer e respeitar a identidade surda, a família promove empoderamento e participação social desses sujeitos. Portanto, é fundamental que a família ofereça aos filhos surdos apoio, educação e oportunidades para que se desenvolvam culturalmente e linguisticamente. Conforme apresenta Vygotsky 1991 apud SOUZA (2022, p.10):

A família é uma instituição social de grande influência e de grande importância na tomada de decisão no que se refere ao desenvolvimento do indivíduo. Os primeiros passos para inclusão da pessoa deficiente é a aceitação da família. Na sequência construir uma sociedade com menos discriminação onde as pessoas vejam uns aos outros sem defeitos, e sim qualidades diferentes. Por crença limitante da família, ou

proteção em excesso muitas pessoas em idade escolar, não estão inseridas no contexto de educação. (Vygotsky, 1991 apud Souza, 2022, p.10)

Segundo o autor, a participação e a interação positiva da família são vitais para promover um ambiente enriquecedor e formador da identidade dos sujeitos surdos, amenizando as discriminações e exclusões sociais, para que o surdo passe a ser enxergado como alguém diferente e não como um doente ou anormal simplesmente pela presença da surdez e sua diferença linguística, sendo assim, é da família que deve partir as primeiras manifestações de respeito e incentivo ao sujeito surdo, para que o mesmo se desenvolva plenamente. Sendo assim, é possível afirmar que identidade surda e o seio familiar assumem uma relação dialética, ou seja, indissociável para o progresso do sujeito surdo, levando em consideração que a família é uma das maiores referências para os indivíduos, contribuindo para sua identidade em formação.

Na citação acima, o autor usa o termo “pessoa deficiente”, porém atualmente esse termo encontra-se em desuso, substituindo pelo termo “pessoa com deficiência, que conforme a Lei 13146/15 em seu Art. 1º:

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Percebe-se que na lei citada acima, foi usado o termo “pessoa com deficiência”, ao invés de pessoa deficiente. Esta lei foi instituída a fim de visar a inclusão e a igualdade de pessoas com deficiência, sendo considerada uma das conquistas alcançadas pela comunidade surda.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi de cunho qualitativo, embasada na ideia do autor Gil (1999), afirmando que a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a mensuração dos fenômenos, pois permeia a compreensão do contexto no qual ocorre o fenômeno. A abordagem desta pesquisa vai ao encontro de uma investigação subjetiva a cada objeto de estudo, levando em consideração o contexto no qual se passa as situações analisadas, que por meio dos dados coletados nas entrevistas e as vivências ao longo da vida acadêmica, realizou-se um estudo específico das duas sujeitas da pesquisa, que nos auxiliaram para que os objetivos inicialmente traçados neste trabalho fossem sanados.

O tipo desta pesquisa foi estudo de caso, sustentada por dois autores, conforme Severino (2007, p. 121) o estudo de Caso se concentra em um caso particular, que deve ser representativo, para poder “fundamentar uma generalização em situações análogas, autorizando inferências”. O autor Gil (2002, p.54) também sustenta a presente pesquisa, afirmando que o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

Esta pesquisa se trata de um estudo de caso, tendo como base de investigação dois instrumentos: as vivências ao longo da vida acadêmica e as entrevistas semiestruturadas, realizadas no âmbito da Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), com foco em duas alunas surdas, graduandas do curso de Letras- Libras, ambas residem na cidade de Mossoró.

Sendo assim, o *lócus* da investigação aconteceu no contexto acadêmico, em que estão inseridos o pesquisador e os sujeitos entrevistados, que fica localizado no município de Caraúbas, no estado do Rio Grande do Norte, situada a uma distância de 296 quilômetros da

capital do estado, Natal. No Plano Pedagógico de Curso (PPC) de Letras Libras (2018), fica explícito que:

A missão da Ufersa é produzir e difundir conhecimentos no campo da educação superior, com ênfase para a região semiárida brasileira, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e o exercício pleno da cidadania, mediante formação humanística, crítica e reflexiva, preparando profissionais capazes de atender demandas da sociedade. (PPC, 2018, p.11)

É possível perceber que o referido campus traz inúmeras contribuições para essa região, tendo como fruto, profissionais competentes e pesquisas relevantes em diversas áreas. O curso de Letras Libras traz consigo grandes contribuições para a comunidade surda, pois possibilita interação com a sua língua, literatura e cultura.

Inicialmente, para construção da pesquisa, realizou-se a leitura do material de embasamento teórico e metodológico, o segundo passo foi o contato com as duas discentes a serem entrevistadas, na oportunidade, apresentou-se a proposta de pesquisa e a importância das suas contribuições para o referido estudo. As mesmas, assinaram um termo de consentimento. Em seguida, se iniciou a elaboração de um roteiro de entrevistas semiestruturadas e, posteriormente, foi definido o melhor dia para as entrevistas, que foram realizadas de forma presencial, no âmbito da Ufersa, campus Caraúbas. Os dados coletados nas entrevistas, foram primordiais para o desenvolvimento desta pesquisa, que conforme Lakatos e Marconi (2003, p.196-197) “a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”. Dessa forma, foi definido um roteiro semiestruturado, na qual as discentes responderam seguindo as perguntas estabelecidas. É importante ressaltar que a identidade pessoal das entrevistadas foi preservada e para isso, foi dado um nome fictício, carinhosamente nomes de flores para cada participante. Após isso, foram analisadas as respostas obtidas pelas discentes e deu-se início a construção deste trabalho.

As informações coletadas foram de cunho metodológico qualitativo, que por meio de entrevistas semiestruturadas e do contato no espaço acadêmico com as discentes, contribuíram para a averiguação das Influências da Família na Construção da Identidade Surda e como esses impactos afetam o seu desenvolvimento enquanto sujeito pleno.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo das entrevistas aconteceu presencialmente, na Ufersa, campus Caraúbas. A sessão se dividiu em cinco perguntas relacionadas a família e a formação da identidade surda. As duas discentes entrevistadas são do sexo feminino, estudantes do curso de Letras- Libras do campus já citado. As alunas em questão, são surdas e pertencem a contextos familiares distintos, sendo uma de realidade familiar inclusiva e a outra em uma perspectiva inclusiva. Cabe reiterar que a identidade dos sujeitos foi preservada. Após as entrevistas, realizou-se as transcrições e as análises das transcrições que serão discutidas a seguir.

No primeiro questionamento, objetivou-se conhecer acerca das relações comunicativas familiares, sendo assim, foi perguntado como se dava a comunicação dentro da sua família.

Margarida: então com 4 anos de idade eu comecei a frequentar o CAS (Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo) em Mossoró, junto com minha mãe e já comecei a aprender Libras, tinha uma professora que me ensinava, minha mãe percebeu que também queria aprender e fazer um curso, quando a gente voltava pra casa minha mãe me mostrava imagens e me ensinava, por exemplo: água, comer e alguns sinais básicos, minha mãe me ensinava e eu comecei a adquirir, eu tinha esses dois ambientes de contato, que eram o CAS e a minha casa, eu recebi muito incentivo familiar, então eu fui desenvolvendo conseguia entender as coisas

com clareza. Na minha família, alguns tios e primos ouvintes sabem Libras, não são fluentes, mas sabem o básico e eu também ensino pra eles, porque é importante essa comunicação familiar. Minha mãe sempre esteve junto comigo, e hoje ela é intérprete de Libras e continuamos juntas com uma comunicação fluente em Libras.

Jasmim: Minha mãe e meu pai são ouvintes, eu sou surda. Então, a gente usava gestos para se comunicar, não usava o Português escrito porque eu não conseguia entender nada em português. Os gestos de certa forma facilitavam e eu conseguia entender com clareza. Minha família não tem conhecimento da Libras, usa apenas gestos e sinais caseiros, alguns da minha criação e já se tornou um costume, portanto, não temos esse contato com a Libras e os gestos já fazem parte da minha cultura e minha personalidade.

A partir das respostas obtidas, percebemos a distinção nos relatos das entrevistadas, ambas surdas, filhas de pais ouvintes, porém de uma realidade comunicacional distinta, no contexto familiar de Margarida, a mãe sempre buscou aprender Libras e se comunicar por meio dela. Jasmim, relatou que não adotou a Libras como forma de comunicação e que era mais familiarizada com gestos e sinais caseiros, próprios da sua criação. À vista disso, na concepção de Lenzi apud Quadros (1997):

Os surdos, como seres humanos que são, possuem, também, essa capacidade, o que explica sua possibilidade de adquirir a língua falada em seu país. Desenvolvendo a função auditiva e dispondo dessa capacidade inata, o surdo precisa receber a linguagem de maneira natural, como acontece com a criança que ouve.” (Lenzi 1995, p. 44 apud Quadros 1997 p. 22).

O que vemos com Quadros (1970) é sobre a capacidade dos surdos desenvolverem sua língua de forma natural, assim como os ouvintes. A partir dos relatos, podemos observar que se a família estimular a Libras, o surdo consegue adquirir a língua de forma natural, para afirmar isso, podemos exemplificar o relato da discente Margarida, que por meio do incentivo recebido desde criança, tornou-se fluente na sua língua natural e Jasmim, não recebeu apoio na aprendizagem da Libras, retardando a aquisição desta língua, esse fator implica significativamente ao longo da sua vida, enquanto ser social.

No segundo questionamento buscou-se compreender as principais barreiras enfrentadas pelos sujeitos dentro do seu contexto familiar. Sobre as principais dificuldades encontradas, as entrevistadas mencionaram:

Margarida: Então, a maior dificuldade dentro da minha família é principalmente com minha avó, porque ela não sabe Libras e não consegue entender, apenas sinais básicos, por exemplo: comer, tomar banho, apenas coisas bem simples, não tem fluência, pois é idosa e não sabe Libras. Mas, na minha família alguns sabem Libras, outros não, quando não sabem, usam o celular ou gestos para se comunicar, mas sinto que minha maior dificuldade é com a minha avó, por ser idosa e não saber Libras.

Jasmim: Como surda, enfrentei muitas dificuldades, mas a principal foi o bloqueio comunicacional com minha família, não tinha ajuda, apenas coisas reduzidas, o básico, por meio de gestos e sinais caseiros, por conta do bloqueio comunicacional, muitas vezes minha família não conseguia me ajudar e eu me sentia muito sozinha, algumas vezes eu pedia ajuda pra uma amiga e ela sempre me ajudou através de gestos e sinais caseiros, em seguida passava a mensagem para a minha família, então eu sofri muito por conta dessa barreira. Nos momentos de diversão e bate papo em família usava-se gestos pois não tínhamos contato com a Libras então me senti muito sozinha pois eu não me sentia inserida nesse bate papo, apenas o mínimo e de forma muito reduzida e eu ficava apenas sentada porque algumas vezes em que eu perguntava do que se tratava o assunto, as pessoas sempre deixavam para depois e eu permanecia calada sofrendo com isso. Então comecei a me desenvolver um pouco após algumas dificuldades e comecei a criticar tais atitudes e pedir para que usassem Libras ou

gestos para que eu conseguisse também bater papo e desenvolver melhor. Posso dizer então que a maior dificuldade dentro da minha família foi o bloqueio comunicacional.

Sobre a criação dos sinais caseiros citados pela entrevistada Jasmim, a autora Adriano (2010) cita:

Os sinais caseiros emergem entre familiares de pessoas surdas e são convencionados entre eles (pais ouvintes e filhos surdos). Esses sinais apresentam um caráter emergencial, no sentido de que surgem em um estado de crise comunicativa em um contexto familiar em que pais ouvintes não conhecem a língua de sinais, nem a criança surda tem conhecimento da língua oral (nesse contexto, o português) de seus pais. Os sinais emergidos nessa situação são extremamente restritos em seu repertório vocabular e podem comunicar fatos somente no momento de sua ocorrência, tornando difícil relatar acontecimentos passados e/ou assuntos que envolvam níveis de abstração. (Adriano, 2010, p.34)

Acerca dos sinais caseiros, eles surgem quando a família não acolhe a surdez e não conhecem a Libras. Jasmim afirma ter feito uso de sinais caseiros ao longo da vida para se comunicar com seus pais e deixa claro ter sofrido bastante, principalmente quando sentia vontade de incluir-se nos diálogos familiares, mas as informações eram passadas de forma muito reduzida. A entrevistada explica em sua fala, que se sentia sozinha em algumas situações, sofrendo prejuízo por conta dessa barreira comunicativa. Sendo assim, é indiscutível a importância de os pais aprenderem a língua do filho surdo para fortalecer a comunicação, permitindo que compreendam as necessidades e emoções dos filhos surdos de maneira mais eficaz.

Na terceira indagação, almejamos compreender se família incentivou os sujeitos a participarem de associações, movimentos surdos e da cultura surda.

Margarida: Sim, eu participei da ASMO, do CAS, das festividades surdas, também participei de associações de luta e ajuda aos surdos, eu participei desde pequena. Iniciei com 4 anos participando do CAS, depois, com 14 anos participei da ASMO e até hoje continuo participando.

Jasmim: Então, sobre o incentivo familiar, eu não recebi incentivo para participar da ASMOR, do CAS e de movimentos surdos, eu nunca participei de nada disso, só de casa para a escola e meu maior contato era com ouvintes, porque eu não adquiri contato com surdos, eu não tinha, o meu meio de contato era mais com ouvintes, por meio de gestos no meu ambiente escolar, então, eu nunca recebi esse incentivo para participar de movimentos por parte da minha mãe, porque ela nem sabia Libras e nem tinha esse conhecimento sobre os movimentos e reivindicações surdas, então eu não sentia necessidade de participar, não queria. Meu contato era só em casa e na escola, interagindo com os alunos por meio de gestos, eu não tive esse contato com surdos e nem com o mundo visual era mais com ouvintes mesmo, mas eu reconheço que foi difícil para mim essa falta da Libras, porque só sabia o básico, sou de uma cultura que usa gestos, um pouco de Libras e sinais caseiros.

Na pergunta acima, percebe-se uma divergência em relação à realidade familiar das discentes, que reverberam significativamente na sua formação. É nítido que no relato de Jasmim não houve incentivo familiar para a participação de movimentos e cultura surda, logo, ela não faz uso da Libras, esse fator acarreta retardo na aquisição da língua natural do surdo e, consequentemente, na construção da sua identidade.

No quarto questionamento, investigamos se seus pais mostraram interesse em aprender Libras e em participarem do movimento surdo. As discentes relataram:

Margarida: Então, minha mãe sempre demonstrou interesse pela Libras e sempre participou junto comigo de associações como do CAS e dos movimentos, sempre

junto comigo. Já meu pai, foi mais difícil, não participava, nem sabia Libras, apenas um pouco, bem pouco, mas eu considero importante esse incentivo, apenas minha mãe participou, mas ele nunca participou.

Jasmim: Então, minha família nunca demonstrou interesse nenhum em participar de movimentos surdos e em aprender Libras, consequentemente, eu nunca fui. Então, nunca participaram, só fazia uso de gestos dentro da própria família, não tinha esse contato externo, era muito difícil, porque não tinha contato com surdos e nem com a Libras e não tinha aprendizagem, gerando um bloqueio comunicativo, isso era muito difícil, eles só tinham contato com uma surda, que era eu, fazendo o uso de gestos. Não participavam de movimentos surdos nem para observar e era muito difícil. Então, antes a minha mãe procurou e encontrou o CAS, onde fez um curso básico e intermediário, mas parou por motivo de doença, de tempo e de questões de trabalho acabou esquecendo os sinais e hoje minha mãe sabe Libras, pouquíssimo, mas não tem esse interesse, essa empatia, não tinha orientação, realmente não tinha interesse, o interesse era muito reduzido, focando apenas gestos.

Percebe-se nas respostas que as discentes são de realidade familiares diferentes. Para Buscaglia (1993), a chave para o processo de crescimento está na oportunidade que a família oferece à criança de ter um lugar seguro para descobrir a si mesma e às outras pessoas no seu mundo. A vista disso, é de extrema importância que os membros familiares se insiram na cultura surda e adquira Libras para comunicar-se com seus filhos e proporcionar um ambiente familiar inclusivo.

No último questionamento, foi indagado se a família influencia na construção da identidade e no desenvolvimento do sujeito surdo.

Margarida: Então, o interesse familiar é muito importante sim, que demonstra empatia da mãe pelo filho surdo, porque precisa de aceitação e também aprender Libras para se comunicar, porque precisa se pensar em como vai ser o futuro. É importante se pensar nas responsabilidades e ensinar isso. É preciso empatia entre o surdo e o ouvinte, aceitação, incentivo, para que o surdo se desenvolva ao longo da vida. Então, é muito importante sim, a família, por exemplo: se no futuro eu tiver um ouvinte penso em ensinar Libras para seu desenvolvimento e sua comunicação. Então, seja na família de coda ou pais ouvintes é preciso que haja esse ensino, é muito importante sim.

Jasmim: Então, eu sofri bastante no passado, tive muitos prejuízos e dificuldades comunicativas, minha família usava apenas gestos e não tinham empatia, era muito difícil e eu sofri bastante por isso. Então, tento me desenvolver e buscar para que no futuro eu ajude como mãe a ter empatia, porque a Libras é muito importante. Se acontecer de eu ter um filho, irei orientar desde pequeno para que se torne fluente e use esse conhecimento dentro da família, gerando empatia, porque é muito importante a comunicação dentro da família, eu já tive muitos prejuízos e agora estou tentando mudar e melhorar. É muito importante, principalmente o respeito dentro da família, para com o surdo. Então, é preciso que as famílias pensem e entendam claro que já houve muitos erros no passado e tentem substituir os gestos pela Libras para que a comunicação de fato aconteça. A família é muito importante sim.

Nos relatos citados, as discentes da entrevista reconhecem a importância da família para a construção da identidade e para seu desenvolvimento, Jasmim afirmou se sentir prejudicada e tem dificuldades de comunicação, diz ainda que sofre bastante por isso. À vista disso, a ausência da família pode acarretar sérios prejuízos, psicológicos, emocional e social, visto que quando o interesse não surge da própria família, as relações sociais são implicadas negativamente, gerando uma barreira comunicativa. Sendo assim, o suporte dos pais é fundamental para fortalecer a autoconfiança e a identidade da pessoa surda.

É notável o quanto o comportamento adotado por parte da família reverbera na construção da identidade dos sujeitos surdos. Pôde-se perceber que a partir da fala de

Margarida, que a família desempenha um marcante papel para a socialização e progresso dos indivíduos, pois a comunicação e a parceria nos movimentos das comunidades surdas são fundamentais para promover a inclusão. É importante que os pais aceitem que seu filho, corroborando com isto, o educador Paulo Freire afirma que: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”, (Freire, 2014, p. 30). Sendo assim, é essencial quando os membros familiares compreendem a surdez como uma diferença e não como uma característica doentia, buscando soluções para promover a inclusão do surdo, se envolvendo na aprendizagem da Libras, impulsionando os sujeitos na busca por seus direitos sociais e educacionais ao longo da vida. A vista disso, a aquisição da língua dos sujeitos surdos por parte da família, é o primeiro passo para a compreensão emocional, para que esses sujeitos se sintam valorizados. A própria entrevistada explicita ter se sentido sozinha em alguns momentos familiares e confessa ter sofrido prejuízo devido à falta de acesso às informações dentro desse ambiente.

A partir desse estudo, ficou perceptível o tipo de identidade que cada sujeita se assemelha, cabendo ressaltar que esta pesquisa se realizou em um dado momento e que as identidades não são características fixas, podendo se moldarem a partir das interações e contexto social de inserção da pessoa surda. Notou-se que Margarida se assemelha ao grupo da identidade política/surda, por fazer uso de uma comunicação visual desde os 4 anos de idade, se aceitando surda, militando por seus direitos e atuando ativamente na comunidade surda, sendo fortemente influenciada por essa comunidade, através de experiências visuais e a entrevistada Jasmim se aproxima da identidade flutuante, pois é consciente da surdez, sendo fortemente marcada pela ideologia ouvintista, predominante da sua família. Tendo em vista o tipo de identidade que cada entrevistada se assemelha, é importante deixar claro que este artigo é apenas um recorte de um dado momento e que as identidades surdas não podem ser consideradas imutáveis ou acabadas. Para firmar essa ideia, Paulo Freire explica em seu livro pedagogia da autonomia que “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” (Freire, 1996, p.50). Sendo assim, as identidades surdas podem se modificarem de acordo com as experiências desses sujeitos.

É inquestionável que as vivências dos surdos com sua família interferem direta ou indiretamente outras áreas da vida: acadêmica, profissional, emocional e social desses sujeitos. Para firmar essa ideia, Vygotsky (1993) explica que “O desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro [...]” (Vygotsky, 1993, p.60), sendo assim, é indiscutível a importância familiar para a construção identitária do surdo, assim como outros espaços sociais, como a escola, as associações, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim desta pesquisa, tivemos a possibilidade de compreender sobre a temática abordada, na qual, mediante a colaboração de duas entrevistadas, pode-se analisar a influência da família na construção da identidade do sujeito surdo e como esses impactos afetam o seu desenvolvimento, pessoal e social e refletem para outras dimensões da vida como: a acadêmica e a profissional. Partindo desse pressuposto, investigou-se como acontecem as relações dos surdos com seus pares, em um ambiente familiar de cunho ouvintista e o outro de cunho inclusivo.

O contato com as discentes surdas no decorrer da graduação na Universidade Federal Rural do Semiárido, foi o principal ponto de partida para esta pesquisa. O contexto acadêmico do curso de Letras-Libras nos oportuniza essa inserção em um contexto formado por surdos e ouvintes, compartilhando vivências e saberes.

Compreende-se que a temática desta pesquisa contribui fortemente para melhor conscientização das famílias em relação a seus filhos surdos, assim como gera esclarecimentos

para a sociedade, deixando explícito que o fato de o surdo ter ausência sensorial não significa que não tenha capacidade de desenvolver-se. O estudo esclarece que um fator implicate para o progresso desses sujeitos é a influência familiar, podendo reverberar positivamente ou negativamente na formação da sua identidade.

Considerando os objetivos inicialmente apontados, pode-se afirmar que foram alcançados, tendo em vista que os resultados evidenciaram que a família, de fato, é um dos pilares primordiais no processo de formação de identidade dos sujeitos, pois sabe-se que existem outras instituições sociais que formam o indivíduo surdo, como a escola, as associações de surdo e outros espaços sociais, que afetam o seu processo de inclusão. A presente pesquisa é de grande relevância para os docentes, os pais, e o público em geral leitor desse trabalho, pois esclarecerá os ganhos e perdas sofridas pelos sujeitos surdos quando se tem ou não o apoio familiar. O estudo discorreu, por meio dos relatos das sujeitas entrevistadas, as barreiras enfrentadas pelos indivíduos surdos quando os pais não o reconhecem como alguém diferente, direcionando a eles um olhar patológico, em busca de cura, por meio do método da ouvintização. Apresentou ainda os avanços quando esse sujeito é pertencente a um grupo familiar de formato inclusivo, que respeite a Libras e sua cultura, para que o surdo se torne sujeito ativo e transformador.

Posto isto, acredita-se que a temática deste estudo seja um impulsionamento para futuras pesquisas dentro do universo das identidades surdas e os diversos agentes que as moldam. Espera-se, também, que mais políticas públicas se voltem para o ensino da Libras e sua expansão em vários contextos, assim como no âmbito familiar, para que mais pessoas tenham acesso, visando promover a inclusão linguística e social desses sujeitos. Constata-se também que esse trabalho trará grandes contribuições para os pais desses sujeitos surdos, para que percebam a importância do apoio aos seus filhos, enxergando que a postura adotada pelo grupo familiar, está diretamente atrelada ao desenvolvimento dos seus filhos surdos, influenciando significativamente na construção da sua identidade.

Vale destacar que o presente estudo não é um estanque, não tem uma conclusão definitiva, visto que os povos surdos são seres inacabados, em constante transformação. Sendo assim, pretende-se futuramente ampliar esta pesquisa, se debruçando sobre outras discussões acerca da família e surdos, proporcionando reflexões para novas possibilidades temáticas.

6 REFERÊNCIAS

ADRIANO, Nayara de Almeida et al. **Sinais Caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos**. 2010.

ALMEIDA, Maria José. O desenvolvimento da literacia na criança surda: Uma abordagem centrada na família para uma intervenção precoce. **Mediações: Revista Online da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal**, v. 1, p. 142-155, 2009.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Diário oficial da união, Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso: setembro de 2023.

_____. **Lei n. 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 3 de agosto de 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm>. Acesso: setembro de 2023.

CARVALHO, Vilmar Fernando; REGINA, Ana; CAMPELLO, Souza. A EXISTÊNCIA DE QUATORZE (14) IDENTIDADES SURDAS. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 14, p. 139-152, 2022.

FERREIRA, Wendel Menezes; NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do; PITANGA, Ângelo Francklin. **Dez anos da lei da Libras: um conspecto dos estudos publicados nos últimos 10 anos nos anais das Reuniões da Sociedade Brasileira de Química**. Química Nova na escola, v. 36, n. 3, p. 185-193, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação e mudança**. Editora Paz e terra, 2014.

GIL, A. C. **“Método e técnicas de pesquisa social”**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KNOBEL, M. **Orientação familiar**. Campinas, SP: Papirus, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LETÍCIA, R. et al. **As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotsky para o desenvolvimento da competência em informação**. Contributions of Lev Vygotsky's Learning Theory to the Development of Information Literacy. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/169462>> Acesso em: 25 set. 2023.

OLIVEIRA, M K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo socio-histórico**. São Paulo: Scipione. Acesso em: 25 set. 2023. 1993.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas. In Skliar Carlos (org). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educar em Revista, p. 17-31, 2014.

QUADROS, E. C. de. **O ambiente familiar e as condições de acesso das crianças surdas à língua de sinais**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil e Fundamental) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem**. – Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2007.

SANTOS, Letícia Rodrigues et al. **As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotsky para o desenvolvimento da competência em informação**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 17, p. 1-15, 2021.

SANTOS, N.J.M. **Os diferentes métodos utilizados ao longo da história da educação dos surdos no Brasil: da fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos aos dias**. In: encontro de pesquisa em educação em alagoas, 6; encontro da associação nacional de política e administração em educação, 1, 2006. Anais. Alagoas: 2006.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. ver. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T.T. **Contrabando, incidentes de fronteira: ensaios de estudos culturais em educação**. Porto alegre, 1998.

SKLIAR, Carlos et al. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, v. 3, 1998.

SOUZA, Thaís Teixeira de et al. **O papel da família na educação inclusiva**. 2022.

STOKOE, W.C. **Semiotics and human sign language**. Mouton: The Hague, 1972.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. Biblioteconomia e Documentação, v. 17, p. 1-15, 2021.

TRINDADE, Franciele de Souza. **Dificuldades encontradas pelos pais de crianças especiais**. 2004.

UFERSA. Universidade Federal Rural do Semiárido. **Projeto político de curso- Licenciatura em Letras Libras**. Disponível em: <<https://lelibcaraubas.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/76/2019/07/MEC-PPC-atual-2018-aprovado.pdf>> Acesso em 10 set. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 182 p. (Psicologia e Pedagogia).

_____. **Pensamento e linguagem**. Trad: Jefferson Luiz Camargo e revisão técnica: José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANEXO A- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO- UFERSA

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Como se dava a comunicação dentro da sua família?
2. Quais as principais dificuldades encontradas dentro da sua família?
3. Sua família te incentivou a participar de associações, movimentos surdos e da cultura surda?
4. Seus pais mostraram interesse em aprender a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e em participarem do movimento surdo?
5. Você acredita que a família influencia na construção da sua identidade e no seu desenvolvimento?

ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Prezado (a)

Este é um convite para você participar da pesquisa intitulada: **Influências da família na construção da identidade surda: estudo de caso de duas discentes do curso de Letras-Libras da Ufersa campus Caraúbas**. Esta é coordenada pela graduanda em Letras-Libras, Stefani Eduarda Alves de Lima Souza e orientada pelo professor(a) Mifra Angélica Chaves da Costa. A sua participação é voluntária, o que significa que poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Essa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar a influência da família na construção da identidade do sujeito surdo e como esses impactos afetam o seu desenvolvimento. O(a) prezado(a) participante será submetido a uma entrevista, seu nome será preservado neste e/ou em outros trabalhos. A entrevista não terá nenhum caráter invasivo, ou que atente à sua moral. Você ficará com uma via deste Termo e toda dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para (84) 991830839 pelo telefone ou, a(o) professor(a) Mifra Angélica Chaves da Costa, pelo telefone (84) 988244671.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa: **Influências da família na construção da identidade surda: estudo de caso de duas discentes do curso de Letras- Libras da Ufersa campus Caraúbas**.

Participante da pesquisa ou responsável

ANEXO C- FOLHA DE APROVAÇÃO

STEFANI EDUARDA ALVES DE LIMA SOUZA

**INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA:
ESTUDO DE CASO DE DISCENTES DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS DA
UFERSA/CARAÚBAS**

Artigo apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras Libras.

Defendida em: 06/10/2023.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

MIFRA ANGELICA CHAVES DA COSTA

Data: 19/10/2023 13:39:54-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Mifra Angélica Chaves da Costa, Prof. Me. (UFERSA)
Presidente



Documento assinado digitalmente

MARIA GHISLENY DE PAIVA BRASIL

Data: 19/10/2023 10:41:49-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Maria Ghisleny de Paiva Brasil, Profa Dra. (UFERSA)
Membro Examinador



Documento assinado digitalmente

FRANCISCO DE ACACI VIANA NETO

Data: 19/10/2023 13:33:00-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Francisco de Acací Viana Neto, Prof. Me. (UFERSA)
Membro Examinador